

A utopia de Betinho

Um cidadão acima de qualquer suspeita conta apenas com a fé e um governo frágil para empreender uma revolução lenta que faça as elites repartirem o bolo, sem tocar em questões estruturais



*Manoel Marcos
Guimarães*

*Manoel Marcos Guimarães
Jornalista, funcionário da UFMG, foi
repórter de O Estado de São Paulo,
secretário de edição do Estado de
Minas, presidente do Sindicato dos
Jornalistas de Minas Gerais e vice-
presidente da Federação Nacional dos
Jornalistas*

Quando o ministro Fernando Henrique Cardoso estudava os cortes orçamentários que imporá aos Ministérios, como parte do programa de ajuste das contas públicas, seu colega dos Transportes, o ex-comunista Alberto Goldman, veio a público para afirmar que as verbas para recuperação das estradas não poderiam ser cortadas, porque eram fundamentais ao plano de combate à fome, já que “é por elas que se faz o escoamento da produção agrícola”.

Na mesma linha de raciocínio, o Ministério da Ciência e Tecnologia argumentou que as pesquisas não podiam ser prejudicadas, pois são parte essencial do programa de combate à fome. As universidades reivindicaram mais verbas para o desenvolvimento de programas de combate à fome, os ministérios militares se engajaram no programa para garantir mais recursos, enfim, todo o organismo público procurou, de alguma maneira, vincular-se ao plano, que se transformou em forte argumento na negociação do reparte dos racionados recursos orçamentários do Tesouro.

Na esfera da iniciativa privada, nenhum departamento de *marketing* razoavelmente competente certamente deixou de orientar a respectiva organização a aderir, de alguma forma, ao programa. Houve – e continua havendo – um festival de adesões, que compreende desde as grandes redes de televisão e as entidades representativas do setor industrial, até pequenas empresas. Em todos os casos, uma característica comum: a adesão se fez sob os holofotes da *mídia*.

O próprio Herbet de Souza, o *Betinho* – um dos raros homens públicos deste país de quem se pode afirmar com total segurança tratar-se de “um cidadão acima de qualquer suspeita” – tem dito em entrevistas que a campanha que está

comandando pressupõe o envolvimento da *mídia*. Acredita ele no poder dessa deusa moderna, que impõe estilos de vida, julga, condena, absolve, enfim, que parece ter o poder sobre a vida do cidadão comum.

Não se pode, a priori, desconfiar da sinceridade de ministros como Goldman e nem duvidar que uma boa malha rodoviária é necessária ao rápido escoamento da produção agrícola, num país que condenou a opção ferroviária. Da mesma maneira, conta ponto a favor dos homens de *marketing* terem convencido seus comumente insensíveis chefes a aderirem a um programa humanitário. Em terceiro lugar, não há que se considerar ingênuo um sociólogo como Betinho, mais do que formado, forjado numa luta de resistência contra o arbítrio da qual foi autêntico guerreiro, mais tarde transformado, pelo verso popular, em símbolo.

Então, por que se há de ver com ceticismo a campanha?

Reunido na Universidade de Brasília, em junho, um "tribunal" a que tiveram assento algumas coroadas cabeças da inteligência nacional, "julgou" a fome de 32 milhões de brasileiros e "condenou" o modelo de desenvolvimento adotado pelo país nos últimos anos, apontado como principal culpado pela situação. O réu não é confesso, mas os números que a reportagem desta edição exhibe não deixam dúvidas de que é mesmo esse modelo – da lavra dos hoje irônicos Roberto Campos e Delfim Neto – o grande responsável por, em vez de evoluir, termos involuído na diminuição do número de nossos miseráveis.

Campanhas podem ser uma boa estratégia para combater problemas pontuais. O Brasil mesmo, por exemplo, praticamente erradicou a poliomielite recentemente, à custa de campanhas de vacinação com forte apelo de *mídia*. Mas elas não são suficientes para solucionar problemas estruturais, como o da fome. O exemplo da erradicação da paralisia infantil pode ser repetido para mostrar que permanecem, por toda a parte, as más condições de

saneamento e de assistência que viabilizam a persistência de outras doenças endêmicas não redutíveis por vacinação e que podem, a qualquer momento, criar as condições para o retorno do vírus da *pólio*. Não havendo ações profundas que corrijam as causas do problema, a situação tenderá a voltar a manifestar-se – e com maior intensidade até – quando cessar o investimento na campanha.

É bem verdade que Betinho tem insistido muito em repetir mil vezes que não está comandando um programa assistencialista, como também é verdade que o programa proposto pelo governo paralelo do PT e assimilado pelo governo Itamar Franco também prevê ações mais contundentes. Mas a sociedade,

que Betinho quer assumindo o programa, até o momento só parece ter assimilado o caráter de campanha, como adere episodicamente às campanhas comandadas por Renato Aragão, Xuxa e outros benfeitores da aldeia global.

Talvez Betinho, no fundo, esteja substituindo a utopia da revolução socialista, que daria comida a todos, pelo trabalho de motivar lentamente as reformas, conscientizando os agentes concentradores de riqueza de que é hora de dividir o bolo para não perdê-lo. Em vez de esperar que tudo mude de um só golpe, mudar devagar e sempre. Pode ser, mas a história da humanidade demonstra, infelizmente, que há necessidade de cortar mais

fundo. Sem, por exemplo, uma reforma agrária pra valer, não serão mudadas as condições estruturais que fazem do Brasil campeão da fome e da miséria.

O arauto e comandante dessa campanha, no fundo, sabe disto, mas, ao que parece, traz em si – mais do que nós outros brasileiros – uma virtude escassa: a fé. Fé na capacidade de resistência do homem e na possibilidade de mudança. É este o grande – talvez único – cacife do programa, pois a depender da parceria de nossas elites, é lícito pensar que ela não irá além de seus programas de *marketing*. E a depender da firmeza de intenções deste governo, é lógico acreditar que ela tem a solidez do cargo de um ministro da Fazenda.

A parceria das elites não vai além de seus programas de marketing. Já a sociedade se limita a uma adesão episódica